

Jornal de



CASTANHEIRA DE PÊRA



PORTE PAGO

MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: JORGE PIMENTEL LADEIRA

Administrador: BELARMINO H. CORREIA

Chefe de Redacção: NIQUELINO FERNANDES

Administração e Redacção: Valinho - Castanheira de Pera

PREÇO 20\$00

FREGUESIAS DE CASTANHEIRA DE PÊRA E COENTRAL

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

EDITORIAL

VAMOS CONTINUAR?

Há momentos na Vida em que se nos revela uma premente obrigação de reanalisar situações.

Problemas antes adiados impõem-nos, então, insistentemente, uma reflexão mais profunda e serena, um repensar dos factos e das circunstâncias, em atitude liberta de envoltórios sentimentais.

Objectiva e lógica, a Razão levar-nos-á às opções necessárias, ainda que, por vezes, o venha a conseguir à custa de renúncias dolorosas.

É certo que o Sonho é uma constante da Vida e que o Amor, em suas formas multifacetadas - onde cabem ideais como os do Regionalismo, do Patriotismo e da Solidariedade Fraterna - acalenta vivências de criatividade, gera motivações salutares, tempera ou compensa os desencantos do quotidiano.

E se há beleza na expressão do Poeta que nos diz que «PELO SONHO É QUE VAMOS», também temos de reconhecer que os vãos oníricos não devem perder de vista as realidades dos nossos dias para que não nos aconteça virmos um dia a sentir uma frustração idêntica à dos «PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS».

Afigura-se-nos que chegou o momento de, com o maior realismo, se fazer o «ponto da situação» do JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA.

Já em Agosto de 1984, no editorial publicado no nº22 do nosso Mensário Regionalista Independente, tivemos oportunidade de explicar as razões dos Atrasos verificados nas edições do Jornal.

Então, afirmamos, além do mais:

«Sendo uma publicação diletante, não pode criar estruturas administrativas que lhe assegurem a rápida consecução de receitas, a eficiente resolução dos seus problemas financeiros e a desejável saída tempestiva de cada um dos seus números»

No Jornal seguinte - o nº23, publicado em Novembro de 1984 - dedicámos o Editorial à problemática relação. Conclui na pág. 2



RUA DAS ÁGUAS CLARAS - Reprodução da Aguarela de Roque Gameiro ilustração do romance AS PUPILAS DO SR. REITOR



NAO SOMOS

UMA TERRA

MORTA

ESTAMOS

VIVOS!



NESTE NÚMERO 12 PÁGINAS MAIS UM SUPLEMENTO DE 4 PÁGINAS

perspectivas

UM PAÍS DOENTE

ANTÓNIO MATOS

Para quem, nestes meados de Julho, prestar um pouco de atenção ao que se diz e faz no nosso país, não haverá grande dificuldade em concluir que, na melhor das hipóteses, se vive num país doente. E isso, um país doente, pelo menos, pois poder-se-ia tirar conclusões piores.

E nem o programa de recuperação económica e financeira, apresentado recentemente pelo Ministro das Finanças, nos pode valer. Será que a dívida externa, num país na

situação do nosso, e quase a única coisa a considerar?

Se, benevolmente, prestarmos um pouco da atenção que não parecem merecer, ao que dizem tantos dos que estão no governo - que não são propriamente governantes - a conclusão será deprimente. O seu discurso é, muitas vezes, exacta-

mente ao contrario do que fazem. E isto porque não estarão interessados numa situação de verdade. Esta interessa ao país e aos cidadãos eleitores, mas não interessará igualmente a tantos dos que desempenham funções de governo.

Estes estão lá, ou parecem estar, para desenvolver estratégias de

interesse pessoal ou de partido e não para servir o país e a sua população. Estão lá para manipular, dominar, e conseguir objectivos que nem sempre terão que ver com os interesses dos cidadãos em geral e, portanto, do país. Pense-se no que se passa na televisão, por exemplo. No entanto, por vezes, pretendem dar voz ao sentir generalizado e daí surge a contradição entre o que dizem e o que fazem. E a situação vai-se degradando, a todos os níveis, como todos verificamos e sentimos.

Todavia, ainda há muitos que não têm a coragem bastante para reconhecer esta realidade, dado que reconhecê-la, iria contra os interesses pessoais ou outros, que lhes convém defender, ou que foram encarregados de defender.

Esses esquecem-se que o país pouco ou nada tem a ver com os interesses ou vaidade de Mário Soares em ser Presidente da República, se para isso, a situação do País tiver de continuar a piorar. E piorar é, muito concretamente, o desemprego aumentar, o custo de vida subir,

a inflação acentuar-se, a fome generalizar-se, os dramas familiares e pessoais serem cada vez mais numerosos e maiores. É a isto que muito mais que estamos assistindo. É esta a situação real. É isto que de modo nenhum, interessa que continue.

Por mais malabarismos que lancem, por mais habilidade que usem os que actualmente estão no poder.

Conclui na pág.

ESTE NÚMERO CORRESPONDE AOS MESES DE DEZEMBRO DE 1984 E JANEIRO FEVEREIRO DE 1985

VEJA NAS PÁGINAS INTERIORES DO

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

NOTÍCIA Castanheirense

ACONTECEU NA RIBEIRA DE PÊRA

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA - CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO: : Herlander Machado (director)
e Jorge Pimentel Ladeira (director-adjunto)

REDACÇÃO: : Niquelino Fernandes (chefe de Redacção)

PUBLICIDADE: Paulo Manuel Castela Pires Teixeira

ADMINISTRAÇÃO: : Belarmino Henriques Correia

PROPRIEDADE: : Herlander Alves Machado

Sede, Redacção e Administração:
VALINHO — APARTADO 13
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. Palma, 163-1. Esq.
1100 - LISBOA

Correspondentes:

Camelo — Jorge Bernardo das Neves
Carregal — Albino Nunes
Coentral — José Alves Barata
Fontão — Porfírio Capas
Gostosa Cimeira — Aníbal Tavares
Moita — Rui Santos
Palheira — Adelino Marques
Pêra — Pompílio Antunes

Sapateira — Gualter Fernandes
Sarzedas — Arlindo Silva
Troviscal — Isaltino Conceição
Vilar — Aires Henriques Estevão

Composição e Impressão:
NOVELGRÁFICA, LDA
Rua Capitão Salomão
Telef. 25299 — 3500 VISEU

EDITORIAL

Cont. da 1.ª Pág

nado com «A Cultura, os Livros e os Jornais».

E, então, perguntámos:

«Carecem de apoio e de protecção os pequenos jornais, de feição formativa e regionalista, que se debatem com situações deficitárias ou com dificuldades impostas pela inexistência de fundos de maneo...»

«...Assim, que futuro poderão ter os livros e os jornais?»

Em hora de serena reflexão, cumpre-nos recordar alguns aspectos da experiência vivida com a publicação do nosso jornal:

- 1- Quisemos preencher uma lacuna e deparámos com divisionismos.
- 2- Defendemos ideias sem nunca atacarmos Pessoas.
- 3- Procurámos enaltecer os valores mais típicos e mais originais da Cultura Popular, da História e da Etnografia da nossa Região e sempre aspirámos a dar ao **Jornal de Castanheira de Pêra** uma circulação que ultrapassasse largamente os limites do nosso Concelho.
- 4- A falta de espaço - cada página custa cerca de 5 contos - impediu-nos de publicar, de imediato, algumas notícias ou ensaios literários - e isso feriu as susceptibilidades de alguns colaboradores e até de vários assinantes.
- 5- Sofremos críticas e registámos devoluções do Jornal por termos o nosso próprio critério para a ocupação dos espaços disponíveis e não podemos aumentar o número de páginas.
- 6- Não conseguimos implementar serviços administrativos e de tesouraria que assegurassem cobertura adequada à pretendida saída regular do jornal.
- 7- Contámos com a prestimosa colaboração e boa vontade dos principais responsáveis que figuram na nossa Ficha Técnica, mas temos de reconhecer que o seu número não se revelou suficiente.
- 8- O número dos nossos assinantes está longe de corresponder às potencialidades do concelho e parece-nos digno de atenção o facto de termos mais assinaturas fora de Castanheira de Pêra.
- 9- Sempre fizemos crítica construtiva e até sustentámos polémicas em que - por mérito nosso e alheio - houve elevação no diálogo estabelecido.
- 10- Jamais se caiu em diatribes afrontosas - o que, em nosso entender, só serviu e dignificou a nossa terra.
- 11- Foi para nós ponto de honra não caímos na publicação de números duplos ou tripos, para avançarmos na numeração, quando perdíamos no tempo. Assim, a cada jornal, dos 24 que publicámos, correspondem, um a um, os seus 24 números.
- 12- Conseguimos vencer dificuldades e afirmar o prestígio do Jornal, que veio a merecer referências elogiosas na Rádio e na Imprensa Diária, sempre se exaltando os encantos e os demais valores da nossa terra.

Mais algumas notas poderiam ser acrescentadas às doze que aqui deixámos escritas.

Pensamos, todavia, que elas chegarão para se ficar com uma imagem dos problemas que enfrentámos,

durante dois anos e quatro meses, desde o nº1 ao nº24 do **Jornal de Castanheira de Pêra**.

Há que repensar tudo.

Quase poderíamos dizer, como os comerciantes retalhistas, que **vamos fechar para balanço**.

Só temos um credor - aquele que, por circunstâncias independentes dos seus desejos, ficou sendo propriedade do **Jornal de Castanheira de Pêra**.

Nada devemos à tipografia nem ao Fisco.

Temos, sim, cobranças a efectuar.

Impõe-se, pois, fazer um balanço e realizar receitas para, depois - já que não temos connosco quem possa ser Mecenas - decidirmos do futuro do nosso Mensário Regionalista Independente.

Entretanto, suspendemos a publicação do **Jornal de Castanheira de Pêra**. Impõe-se-nos esse acto de coragem!

Mas ficamos com esperança no seu ressurgimento.

Vamos suspender temporariamente a publicação do **Jornal de Castanheira de Pêra**. E nem nos consola nada o facto de sabermos que outros pararam antes de nós.

Importa, sim, encontrar o caminho que venha a permitir a estabilidade de um jornal concelhio.

Temos a convicção de que é necessária e viável a publicação de um mensário regionalista em Castanheira de Pêra.

O Concelho carece de um órgão da comunicação social, independente, livre e bairrista, que possa assumir o papel de defensor dos interesses da terra e das suas populações.

Sem subserviências ideológicas nem compromissos de grupo, esse MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE - tenha ele o nome que tiver - poderá constituir uma força, digamos, mesmo, uma «arma», a usar, segundo as normas éticas, para o Progresso de Castanheira de Pêra.

E não obedecemos a qualquer impulso, advindo de eventual rivalidade doentia, quando, como agora, afirmamos que nos interessa muito mais a existência de um jornal do Concelho de Castanheira de Pêra do que um jornal que assuma a dimensão mais vasta da Comarca de Figueiró dos Vinhos.

A propósito, confessamos que, recentemente, muito nos impressionou o facto de termos mudar o brasão do **Jornal de Figueiró dos Vinhos** - que muito estimamos, na pessoa do seu ilustre director - para o brasão da Comarca onde se incluem os símbolos heráldicos de **Castanheira de Pêra, de Pedrógão Grande e de Figueiró dos Vinhos**.

Será esse o caminho desejável?

Talvez seja... Se concluímos que o concelho de Castanheira de Pêra e os nossos conterrâneos espalhados por todo o Portugal e, em diáspora lusiada, por todas as partidas do Mundo, não considerarem de interesse a publicação de um jornal da sua terra - afinal só viável com o seu decisivo apoio.

- Ou será na maior amplitude da área comarcã que se encontra a solução?

Para nós, o caminho é outro. E - assim como quem pensa em voz alta - ousamos expressar a hipótese que, neste momento, encaramos como mais razoável.

O RIBEIRA DE PÊRA foi o primeiro jornal que se publicou no nosso Concelho. Poderemos mesmo afirmar que aquele órgão da Imprensa Regional nasceu com o próprio Concelho, em 1914.

A um e outro, ficou ligado o nome do Dr. Manuel Diniz Henriques.

Setenta anos volvidos, foi criada a «RIBEIRAPERÁ - Sociedade para o Desenvolvimento de Castanheira de Pêra».

Depositária de tantas esperanças bem poderia esta sociedade desencadear o processo adequado ao reaparelhamento do jornal «O RIBEIRA DE PÊRA».

Por nós próprios, oferecer-lhe-íamos, para substituí-los, os nomes que temos registados oficialmente, isto é, os de JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA e de MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE.

Salvo melhor opinião, era este o melhor caminho a seguir para, sem paixões, nem divisionismos, dotar o nosso Concelho com um periódico estável e de saída regular.

Impõe-se que se conjuguem boas vontades, que se ultrapassem emulações doentias, para que - sem vencidos nem vencedores - se concretize esta ideia.

E será bem fácil se ...acima de tudo quisermos honrar o brasão de Castanheira de Pêra.

Herlander Machado

perspectivas

Cont. da 1.ª Pág.

pouco ou nada tem feito para mudar este estado de coisas. Muito possivelmente, por falta de coragem política. E aquilo que é preciso é simplesmente um governo que saiba, possa e queira governar. Exactamente aquilo que parece não termos. Se o governo quisesse e soubesse governar poria, muito simplesmente também os interesses nacionais - que são de todos - acima dos possíveis interesses pessoais e partidários. E não se vê que isso aconteça muito.

Por isso surgem as situações de miséria e de fome, que cada vez são mais frequentes e que não se resolvem negando-as. Por isso temos quatrocentos mil funcionários públicos, para dez milhões de habitantes, quanto a Inglaterra tem quinhentos mil, para cinquenta milhões e, mesmo assim a sr^a Thatcher pretende reduzi-los para trezentos e cinquenta mil. A respeitar a proporção deste último número, não deveríamos ter mais de setenta mil funcionários públicos!... Mas ninguém fala, apesar da diferença de setenta para quatrocentos ser francamente grande. Só que a razão do silêncio talvez esteja no facto de duzentos e vinte mil terem sido admitidos nos últimos dez anos, depois do 25 de Abril, portanto!

Se fizermos contas, e supusermos modestamente, que cada funcionário fica ao estado em trinta contos mensais, teremos que o estado gastará, com esses duzentos e trinta mil funcionários a mais, uma soma da ordem dos cem milhões de contos anuais.

Se, além disto, tivermos presente que, de 76 a 83, o OGE dedicou quatrocentos e dez milhões de contos para subsídios às empresas públicas: que a RTP, só em 1983, te-

ve, pelo menos, milhão e meio contos de prejuízo, para fazer o que tem feito e que também só em 1983 as empresas públicas do sector energético e industrial tiveram um prejuízo de quatrocentos e setenta milhões de dólares; se tivermos em conta que todo este esbanjar de dinheiro públicos sai da bolsa do contribuinte, sabe Deus com que saído, e se tivermos também em conta que os que estão à frente do país não ignoram estas coisas e muito mais, pouco ou nada tendo feito para lhes pôr cobro, seremos forçados a concluir que muitos dos que estão no governo não governam sendo legítimo perguntar o que é tão lá a fazer e porque lá se encontram.

Perante tudo isto, qualquer cidadão, minimamente consciente, não pode deixar de sentir vivo mal estar e de pronunciar um juízo moralmente negativo e severo, muito ou não nos partidos que ocupam o poder. Se, além disso for cristão sincero e consequente, recordará actuará de acordo com as palavras do concílio que diz que «o exercício da autoridade política (...) deve desenrolar-se sempre dentro dos limites da ordem moral em vista do bem comum» (GS 74) e que «to os cidadãos (têm) o direito e simultaneamente o dever de usar a liberdade de voto para promover o bem comum» (GS 75), pois «as pações nunca é lícito antepor os seus próprios interesses ao bem comum» (Ibidem), e muito menos os dos seus chefes, podemos nós acrescentar.

Quando os políticos e partidos esquecem destes elementares princípios, há que recordá-los pela causa do voto, sempre lembrados que políticos e partidos não-de-som julgados pelo que fazem e não pelo que dizem.



UMA ESPERANÇA

«RIBEIRAPERÁ»

Sociedade para o Desenvolvimento de Castanheira de Pêra, SARL

SEDE: EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO
TEL. (036) 44106 PEF
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

CAMPO DE JOGOS NO COENTRAL

Realizou-se, na sede da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, em Lisboa, uma reunião de Coentralenses interessados em dotar a sua terra com um Pavilhão Gimno-Desportivo.

Foi resolvido constituir uma COMISSÃO DE HONRA e uma COMISSÃO EXECUTIVA, as quais reunirão os seguintes elementos, que, para tal, vão ser convidados.

COMISSÃO DE HONRA

- Presidente da Junta de Freguesia do Coentral
- Presidente do CIRUC - Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
- Presidente do Centro de Convívio do Coentral
- Presidente da Casa de Convívio do Coentral Pequeno
- Presidente do Rancho Folclórico NEVEIROS DO COENTRAL
- Nelson Simões Claro
- Dr. Herlander Alves Machado

COMISSÃO EXECUTIVA

- Francisco Henriques de Almeida
- Alberto Simões
- Armando Simões
- José Alberto Ladeira
- Manuel Miranda Fernandes
- Abílio Lopes Galhardo
- Alberto Silveira

NOTÍCIA *Castanheirense*

ALÉM DA RIBEIRA

Casamento

ILDA GERTRUDES ALMEIDA DE CARVALHO

JOSE PATRÍCIO NAZARE

Realizou-se no dia 25 de Agosto na Igreja Matriz de Castanheira de Pera o casamento entre os jovens ILDA GERTRUDES ALMEIDA DE CARVALHO, filha de Manuel Jeronimo de Carvalho e de Maria Silveira de Almeida, apadrinhada pelo casal Domingos dos Santos Francisco e Maria Madalena Miguel Francisco e JOSE PATRÍCIO NAZARE, filho de Maria Helena Calvira Patricio Nazare, (pai ja falecido) e apadrinhados por Angelo Gomes dos Santos e Maria de Lurdes Patricio de Jesus.

Ao novo casal que vai fixar residência em Alem da Ribeira, os nossos votos de um futuro solido.

AMIAL

Baptizado

ANA FILIPA DOS SANTOS RODRIGUES

No dia 5 de Agosto o Baptizado ANA FILIPA DOS SANTOS RODRIGUES, filha de Amaro Rodrigues e de Maria do Céu Lopes dos Santos Rodrigues e foram Padrinhos Alvaro Lopes dos Santos e Maria Emilia Cordeiro Carvalho. Faleceu os pais no Amial - Castanheira de Pera.

Baptizado

JOÃO JOSÉ FERNANDES MOREIRA

Também a 18 de Novembro, o

Baptizado de JOÃO JOSÉ FERNANDES MOREIRA, filho de Norberto Simões Moreira e de Maria Natália Adriano Fernandes Moreira e foram Padrinhos João José Franco e Maria da Anunciação da Conceição Santos Franco.

Baptizado

MARIANA DOS SANTOS RABAÇA ALVES

No dia 5 de Outubro, o Baptizado de MARIANA DOS SANTOS RABAÇA ALVES, filha de José Rui Rabaça Alves e de Delmira da Conceição dos Santos Rabaça Alves, residentes na Av. S. Domingos - Cast. de Pera, e foram padrinhos Pedro Salgueiro Henriques e Maria Amélia Henriques dos Santos.

Baptizado

VERA LUISA FERNANDES MENDES

No dia 19 de Agosto, o Baptizado de VERA LUISA FERNANDES MENDES, filha de José Manuel Mendes e de Maria de Fátima Fernandes Martins Mendes, residentes no Amial - Cast. Pera, e foram padrinhos Duarte Carvalho de Freitas e Maria Eugénia da Silva Fernandes Martins.

BALSA

Falecimento

Manuel Fernandes Martins

Natural do lugar da Balsa, faleceu no passado dia 13 na sua residência em Lisboa, o sr. Manuel Fernandes Martins, que contava apenas 49 anos de idade.

Alistado à cerca de 30 anos na Policia de Segurança Pública em Lisboa, tinha passado alguns anos, transitado para a policia de Viação

e Tránsito e depois para a Policia de S. Pública, onde sempre com o mesmo zelo, apurmo, competência e humanidade, soube desempenhar as funções que lhe eram atribuidas.

Infelizmente sabia-se que por mais esforços da ciência, não era possível salvá-lo embora os seus familiares que não aceitando tal resignação, forte luta travaram, tudo lhe tendo sido feito para o salvar.

Era casado com a srª D. Juvenália Ingracia das Neves Martins e pai dos srs. Carlos Manuel das Neves Martins e Victor José das Neves Martins.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte tendo saído da Igreja da Encamação para o cemitério dos Olivais, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar, nele se tendo incorporado elevado numero de pessoas.

Journal de Castanheira de Pera» apresenta a toda a familia enlutada, sentidas condolências.

BÓLO

Agradecimento

ALFREDO RODRIGUES COSTA

Mulher, filhas, genros e netos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por desconhecimento de nomes e moradas, agradecem a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e que o acompanharam a sua ultima morada

CARREGAL CIMEIRO

MANUEL MARIA FRADE

No dia 4 de Julho, faleceu no Car-

regal Cimeiro, MANUEL MARIA FRADE, com 65 anos de idade, casado com Laurinda Alves Henriques, pai de João Henriques Frade, casado com Aminda Rodrigues Antunes Henriques Frade e avô de Célia Maria Antunes Frade Lima, casada com Amaro Lima Simões Antunes, e Sérgio Manuel Antunes Frade.

O funeral foi efectuado no cemitério da nossa Vila.

MOITA

Baptizado

DULCE INÉS TOMÁS FERNANDES

Também no dia 19 de Agosto, o Baptizado de DULCE INÉS TOMÁS FERNANDES, filha de Eliseu da Silva Fernandes Tomás e de Maira Adelaide Henriques Tomás Fernandes, residentes na Moita-Cast.Pera, e foram padrinhos, Luis Filipe Henriques Moreira e Maria de Lurdes Henriques.

PALHEIRA

Casamento

ILDA MARIA PEREIRA HENRIQUES e ALFREDO MENDES DOS SANTOS PIRES

No dia 8 de Setembro na Igreja Matriz de Castanheira de Pera realizou-se o casamento entre ILDA MARIA PEREIRA HENRIQUES, filha de Manuel Henriques e de ZULMIRA Pereira Fernandes, e foram padrinhos David José dos Santos e América Pereira Dias e ALFREDO MENDES DOS SANTOS PIRES, filho de Alberto dos Santos Pires e de Maria Emilia Mendes, e foram

ACONTECEU RIBEIRA DE PÊRA

TORNO

Falecimento

José Antunes

No dia 12 de Julho, faleceu JOSÉ ANTUNES com 86 anos de idade no lugar do Torno e era casado com Noémia da Conceição Cordeiro. O funeral dirigiu-se para o cemitério da nossa Vila.

SARZEDAS DE S. PEDRO

Baptizado

CATARINA ALEXANDRA HENRIQUES SIMÕES MARQUES

No dia 12 de Agosto, o baptizado de CATARINA ALEXANDRA HENRIQUES SIMÕES MARQUES, filha de João Marques e de Maria Filomena Henriques Simões Marques, residentes em Mem Martins, e foram padrinhos, António Simões Dinis e Maria de Jesus Marques.

TROVISCAL

Baptizado

José Ricardo Martins dos Santos

Também no dia de 5 de Agosto, o baptizado de JOSÉ MARTINS SANTOS, filho de José Alberto Pimentel dos Santos e de Leonor Martins dos Santos e foram padrinhos Victor Pimentel dos Santos e Umbelina Martins dos Santos que residem no Troviscal-Cast.Pera.

TORGAL

Baptizado

MAGDA INES TOMAS VENTURA

No dia 26 de Agosto, o Baptizado de MAGDA INÉS TOMÁS VENTURA, filha de Pompeu dos Santos Ventura e de Clarinda Maria das Neves Tomás Ventura, residentes nas Sarzedas de S.Pedro -Cast.Pera e foram padrinhos Armando Rodrigues Caetano e Didia Correia Baptista.

VILA

Baptizado

CARINA NUNES DAVID

No dia 25 de Agosto, o baptizado de CARINA NUNES DAVID, filha de Artur David Antunes e de Maria Humbelina Nunes Dominato, residentes nesta Vila, e foram padrinhos Fernando Teixeira Correia e Florinda Maria Nunes Dominato.

JOSÉ MIGUEL BAPTISTA
Especialista da Maternidade dos H.U.C.
— Gravidez e partos.
Consultas — 4.a Feira 16,00 horas
Centro Médico S. Silvestre
Telefone 99280 — LOUSÃ

MANUEL LOUZÁ HENRIQUES
MÉDICO PSIQUIATRA
Residência: Rua de Gil Vicente, 130 — Telef. 71484
Consultório: Av. Sá da Bandeira, 45-3.º Dto.
— Telef. 28560 3000 Coimbra

CENTRO MÉDICO S. SILVESTRE
LARGO DO MERCADO
TELEF. 99280
3200 LOUSÃ
Atendimento Permanente — 10 às 23 h.
Clínica Geral. Pequena Urgência e Electrocardiografia.
Especialidades (Por Marcação).
— Urologia — Sábado 11 horas
— Ginecologia/Obstetrícia 2.a feira 15 horas
— Obstetrícia — 4.a Feira 16,30 horas
— Neurologia — 6.a Feira 15,00 horas
— Psiquiatria — 4.a Feira 15,00 horas
— Ortopedia — 3.a Feira 14,00 horas
— Cardiologia — 6.a Feira 14,00 horas
— Dermatologia — Sábado 11,00 horas
— Doenças Alérgicas/D. Pulmões — 2.a Feira 15,00 h.
— Reabilitação.

CASA RIBEIRO
Henrique Ribeiro e Filhos, Lda.
SILGUEIROS
GUARNIÇÕES PARA TODO O GÉNERO DE DECORAÇÃO
FRANJAS, BORLAS, GALÕES E CORDÕES
Fábrica:
Av. Infante D. Henrique — Telefones 854841 / 854866
Lote N.º 4 (Cabo Ruivo)
1800 LISBOA — PORTUGAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
DEPÓSITOS À ORDEM:
(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)
Saldo Até 150 000\$00 4 %
No excedente 2 %
DEPÓSITOS À PRAZO:
De 30 até 90 dias 17,5 %
De 91 até 180 dias 21,5 %
De 181 até 365 dias 28 %
De 366 até 730 dias 30 %
(Quantias superiores a 5000\$00)
CRÉDITO AO:
Sector Público
Predial
Industrial
Agrícola

LABORATÓRIO DE ANÁLISE CLÍNICAS
BIOQUILAB, LDA.
Dir. Técnica: ALDA BRANCO GAMA
Licenciada em Farmácia — Especialista
Telef. 4 22 86 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FRIGIFRIG
ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS · DISCOS · GÁS MOBIL
LOJAS
1 R. CONDE DE REDONDO, 62 TEL. 56 11 47 (4 linhas) 1100 LISBOA
2 PRAÇA DO AREEIRO, 6 TELS. 88 33 11 - 80 39 34 1000 LISBOA
3 Centro Técnico RUA ALMEIDA E SOUSA, 32 TELS. 65 62 71 - 65 64 98 1300 LISBOA R. CONDE REDONDO, 78-A TELS. 56 65 64 - 57 43 24 1100 LISBOA

NOTÍCIA *Castanheirense*

Baptizado
CARLA SOFIA FERREIRA NUNES

No dia 3 de Novembro, o baptizado de CARLA SOFIA FERREIRA NUNES, filha de José Carlos Nunes Dominato e de Ana Paula Ferreira da Fonseca Dominato e foram padrinhos Fernando dos Santos Raposo e Maria de Fátima Ferreira da Fonseca.

Baptizado
FERNANDA MARIA COELHO ANTUNES

Também no dia 7 de Julho, o baptizado de FERNANDA MARIA COELHO ANTUNES, filha de Geraldo Henriques Antunes e de Maria Fernanda Pedroso Coelho Antunes e foram padrinhos Carlos Alberto Pedroso Coelho e Maria de Fátima Rodrigues Ribeiro Coelho. Residem em Castanheira de Pera.

Baptizado
JOANA MARIA MARQUES DOS SANTOS

No dia 18 de Novembro, o baptizado de JOANA MARIA MARQUES DOS SANTOS, filha de Alípio Ferreira dos Santos e de Maria Alzira H. Marques dos Santos e foi apadrinhada por José Manuel Sá Bento da Guia e Lucinda Ferreira dos Santos Guia.

Casamento
ISABEL MARIA SILVA DELGADO e ADALBERTO DE JESUS DA CONCEIÇÃO TOMÁS

No dia 1 de Setembro em Castanheira de Pera entre ISABEL MARIA SILVA DELGADO, filha de Afonso Delgado e de Maria Benilde da Conceição, apadrinhada por Silvério Henriques Mendes e Maria do Rosário Conceição Silva e ADALBERTO DE JESUS DA CONCEIÇÃO TOMÁS, filho de Bebeiano da Conceição Tomás e de Maria de Jesus Bernardo Maria, apadrinhado por Gonçalo Faro e por Maria Teresa Correia.

O novo casal vai fixar residência em França, e para o qual desejamos, por terras da Europa, um futuro de harmonia com as suas pretensões.

Falecimento
JOSÉ HENRIQUES VERAS

No dia 14 de Julho faleceu com 82 anos de idade, JOSÉ HENRIQUES VERAS, residente nesta Vila. Era casado com Solina Amaranthe Tomás Henriques e pai de Maria Rosa Tomás Henriques, de Gromecindo Tomás Henriques Veras e de Domingos Tomás Henriques Veras, também já falecido.

O funeral foi efectuado no cemitério desta Vila.

VILAR

Casamento
MARIA CLARISSE HENRIQUES DA SILVA e ISIDRO MANUEL PIRES MARQUES

No dia 8 de Setembro na Igreja Matriz de Castanheira de Pera, realizou-se o casamento entre MARIA CLARISSE HENRIQUES DA SILVA

VA, filha de João Rodrigues da Silva e de Emília da Conceição e foram padrinhos o casal José Henriques Joaquim e Maria Idalete Henriques Joaquim e ILÍDIO MANUEL PIRES MARQUES, filha de Albino Henriques Marques e de Maria dos Prazeres Pires Henriques e apadrinhado por Alídio Lopes Dias e Maria Adelaide Pires Henriques.

Fixam também residência no Vilar e para os quais desejamos uma sólida vivência pelo futuro.

Casamento
RAQUEL ESTEVAO MARTINS OLIVEIRA e ISIDRO MANUEL HENRIQUES OLIVEIRA MARTINS

No dia 1 de Setembro na Igreja Matriz de Castanheira de Pera, realizou-se o casamento entre RAQUEL ESTEVAO MARTINS OLIVEIRA, filha de Aires Henriques Estêvão e de Maria Eugénia Rosinha Lourenço, apadrinhada pelo casal Cesário dos Santos Fernandes e por Raquel Dinis Correia Fernandes e ISIDRO MANUEL HENRIQUES OLIVEIRA MARTINS, filho de Valdemiro Leocádio de Oliveira e de Maria do Carmo Henriques e apadrinhado pelo casal Isidro Henriques e Maria Adelaide da Guia Henriques.

Fixam residência no Vilar e desejamos os maiores sucessos na vida futura.

Falecimento
MARIA SOFIA

No dia 18 de Julho, com 78 anos de idade, no VILAR, faleceu MARIA SOFIA que deixa viúvo Francisco Henriques Viegas. Era mãe de Isidro Henriques, Maria do Carmo Henriques Viegas, João Henriques Viegas e Vitorino Henriques Viegas. O funeral foi efectuado no cemitério desta Vila.

CATUJAL (LOURES)

Baptizado
FÁTIMA CRISTINA ANTUNES FERNANDES

No dia 11 de Agosto, o baptizado de FÁTIMA CRISTINA ANTUNES FERNANDES, filha de Belarmino Martins Fernandes e de Alda Maria dos Santos Antunes Fernandes, residentes no Catujal-Loures e foram padrinhos Mário da Silva Ribeiro e Maria de Fátima Martins Joaquim Ribeiro.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Baptizado
MARGARIDA HENRIQUES MARTELO

No dia 8 de Julho, o baptizado de MARGARIDA HENRIQUES MARTELO, filha de Dr. Fernando Eduardo Ferrico Martelo e de Ana Maria Barjona de Tomás Henriques e foram padrinhos João Nuno Barjona Tomás Henriques e João Guilherme Martelo de Almeida. Residem no país em Figueiró dos Vinhos onde exercem as suas funções profissionais.

LISBOA

Baptizado
CARLA ALEXANDRA RIBEIRO COELHO

No dia 7 de Julho, o baptizado de CARLA ALEXANDRA RIBEIRO COELHO, filha de Carlos Alberto Pedroso Coelho e de Maria de Fátima Rodrigues Ribeiro Coelho, e foram padrinhos Armando Manuel Pedroso Coelho e Rosa Maria Rodrigues Ribeiro, residem os pais na freguesia da Pena, em Lisboa.

ALÉM DE O JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA SAIR COM 10 PÁGINAS AINDA FICA ALGUM ORIGINAL DE REMISSA

CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

No passado dia 25 de Janeiro de 1985, realizou-se a Assembleia Geral da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1- Apreciação do Relatório e Contas do Exercício de 1984.
 - 2- Eleição de Novos Corpos Gerentes
- Presidiu o sr. dr. Herlander Alves Machado, ficando ladeado pelos restantes componentes da Mesa da Assembleia Geral - os srs. Engº Jaime Baptista Conceição Silva, António Santos Estêvão Castro e Domingos Costa.
- O Relatório e as Contas foram aprovados por unanimidade.
- Não havendo nenhuma lista concorrente para os Novos Corpos Gerentes, a Assembleia aprovou uma proposta para que fosse prorrogado, até 31 de Maio do ano decorrente, o mandato dos Corpos Gerentes de 1984, os quais são os seguintes:

CORPOS GERENTES PARA 1985 ASSEMBLEIA GERAL

Prorrogado o Mandato até 31 de Maio de 1985 em Assembleia Geral de 25/1/1985.

O Presidente da Mesa da A. Geral
Herlander Machado

Presidente	- Dr. Herlander Alves Machado
Vice-Presidente	- Engº Jaime Baptista Conceição Silva
1º Secretário	- António Santos Estêvão Castro
2º Secretário	- Domingos Costa

DIRECÇÃO

Presidente	- Alvaro Henriques dos Santos
Vice-Presidente	- César David Joaquim
Tesoureiro	- José Carlos Simões Santos
1º Secretário	- João Manuel Simões Roda
2º Secretário	- Miguel Bastos Lopes
1º Vogal Efect.	- José Santos Pelloiro
2º Vogal Efect.	- Joaquim Piedade Caetano David
1º Vogal Supl.	- João Carvalho
2º Vogal Supl.	- João Alves

CONSELHO FISCAL

Presidente	- Alvaro Francisco Reis
Secretário	- Pedro João Pereira Coutinho
Relatos	- Manuel Simões Branco
Suplente	- D. Romana M. Conceição Simões

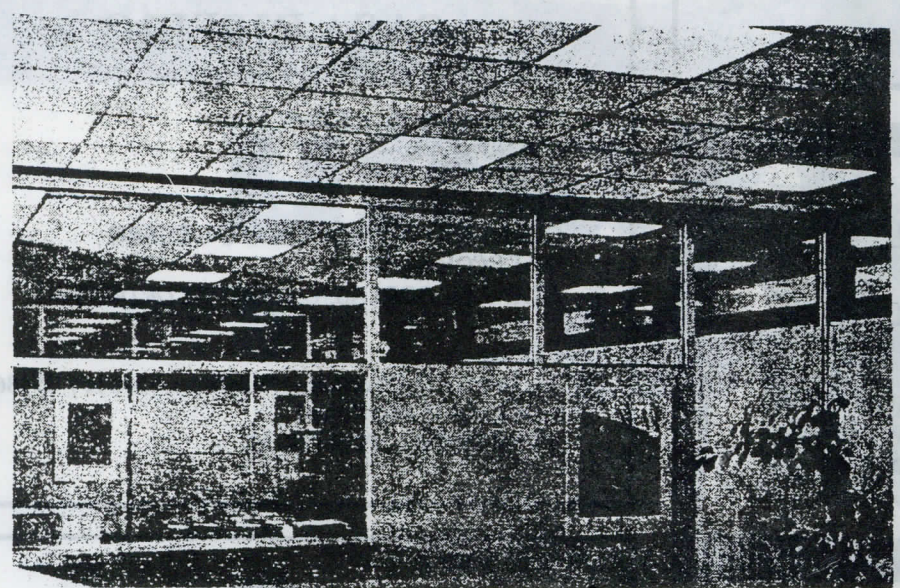
DELEGADO FEDERAÇÃO

Efectivo	- Franklim Costa
----------	------------------

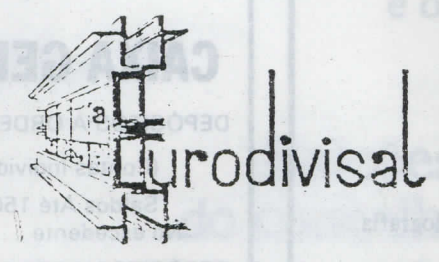
CONSELHO REGIONAL

Figueiró dos Vinhos	- Dr. Jorge Manuel Godinho Ferreira
Campelo	- Manuel Simões Branco
Castanheira de Pera	- Dr. Herlander Alves Machado
Coentral	- Américo Barata
Pedrogão Grande	- Pedro João Pereira Coutinho

ACONTECEU NA RIBEIRA DE PÊRA



- DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
- TECTOS FALSOS
- PAV. FALSOS
- BIOMBOS
- MARQUISES
- PORTAS DE FOLE
- REVESTIMENTOS



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.

A TÉCNICA DO ALUMÍNIO NO MOMENTO EUROPEU TRANSFORMAMOS ALUMÍNIO PARA QUALQUER FINALIDADE E PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

ESCRITÓRIO: RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 TELEF. 66 92 65-60 91 30 1200 LISBOA
INST. FABR.: RUA CAMPO DE OURIQUE, N.º 75 — LOJA 14 TELEF. 65 76 69-68 73 95 1200 LISBOA

Indústria e Comércio de Madeiras Telefone 036-4 54 95

SERRAÇÃO PEDROGUENSE, LDA.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotaria
Lenhas e Materiais de construção
Agentes da CIMPOR, Cimentos de Portugal, EP

MÓ PEQUENA 3270 PEDRÓGÃO GRANDE

FIANDEIRA CASTANHEIRENSE INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA.

IMPORTAÇÃO • EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEÇÃO E FIAÇÃO DE Lãs e FIBRAS

pretycor

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS

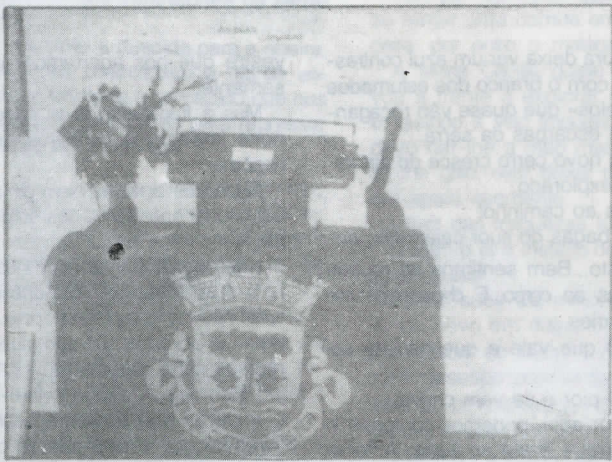
TELEFONES 4 41 01 e 4 44 79 TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PÊRA (PORTUGAL)

O MENSÁRIO

correio de PORTUGAL

dedicou, em 15/1/84 um Suplemento a Castanheira de Pêra



FACTO INÉDITO — de 1922 a 1925 houve em Castanheira de Pêra duas Câmaras. Uma orientada pelo Partido Democrático, liderado pelo dr. Eduardo Correia, outra orientada pelo Partido Liberal liderada pelo dr. José Femandes de Carvalho, ambas cobravam impostos e muitas, "legalmente", numa disputa singular. Na foto, os respectivos selos brancos de cada uma das Câmaras existentes nos anos 20 e uma máquina de escrever da época encontrada na secretaria de uma das edilidades. Uma história dos "bons velhos tempos" e um facto inédito em Portugal.

Comentário do Jomal de Castanheira de Pêra:

Esses "bons velhos tempos", referidos pelo "Correio de PORTUGAL" repercutiram, segundo, parece, junto de outras gerações, fazendo com que, por divisionismos muito discutíveis, também chegasse a haver dois campos de futebol em Castanheira de Pêra — e, mais recentemente, dois jomais...

A UNIÃO FAZ A FORÇA — diz-se, sem cuidar de averiguar se os divisionismos enfraquecem...



Mulheres no acabamento das meias e peúgas

gornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

Quadro de Honra

Assinantes VITALÍCIOS

Sr. Adelino Henriques Dinis
SACAVÉM

Sr. Dr. António José de Matos
COIMBRA

Sr. Américo Dinis Barata
ODIVELAS

Sr. Aurelio Henriques Lopes
BRASIL

Sr. Dr. Belarmino H. Correia
CASTANHEIRA DE PÊRA

Sr. Domingos Alvaro Machado
LISBOA

Sr. Dr. Herlander Alves Machado
LISBOA

Sr. Joaquim Alves Barata
CASTANHEIRA DE PÊRA

Sr. José Alves Barata
CASTANHEIRA DE PÊRA

Sr. Eng.º José Manuel Machado Fernandes
SACAVÉM

Sr. Manuel Alves Barata
CASTANHEIRA DE PÊRA

Sr. Manuel Alves Barata (Filho)
CASTANHEIRA DE PÊRA

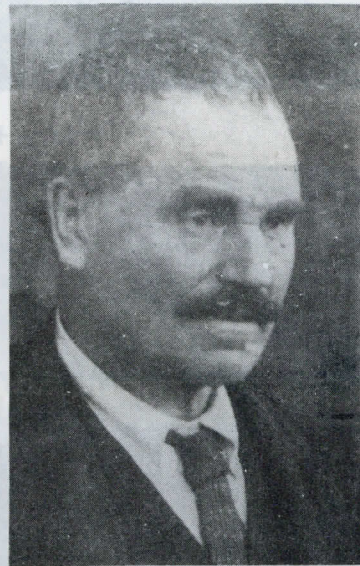
Sr. Dr. Manuel Matos Antão
LISBOA

Sr. Dr.ª Maria Cândida D.B. Carvalho
CASTANHEIRA DE PÊRA

Sr. Nelson Simões Claro
BRASIL

Antigo Autarca do coentral

José Lopes Agostinho



UM HOMEM A RECORDAR

(falecido, em 22-07-1960, com 85 anos)

Homem dotado de espírito essencialmente bairrista e devotado amigo do seu semelhante, trabalhou incansavelmente durante toda a sua vida em prol do engrandecimento da terra em que nasceu e onde passou a maior parte da existência.

Serviu com empenho e dignidade o Coentral — a sua querida terra, que tanto estremeceu — jamais traindo o dever que a si próprio impusera de a defender e por ela trabalhar até o limite das suas possibilidades.

Assim exerceu múltiplos cargos, dentro das várias instituições inerentes à Freguesia. Com cerca de 25 anos, foi nomeado membro da Junta de Freguesia, lugar em que se conservou quase ininterruptamente, ora como presidente, secretário ou tesoureiro; ultimamente, já de avançada idade, exerceu ali as funções de escriturário, cargo que deixou há pouco mais de dois anos em vista do seu estado de saúde.

Foi, durante muitos anos, depositário do Posto de Correios, que tinha instalado na sua residência, com manifesto prejuízo e inconvenientes para a sua vida e comodidades. O Posto de Registo Civil no Coentral esteve por duas vezes, e durante alguns anos, igualmente a seu cargo, etc.

Era o único sobrevivente da campanha da neve, daquele tempo já um tanto recuado em que no Cabeço do Pereiro, junto à Capela de Santo António, se apanhava a neve, guardando a mesma nos «Poços» anexos, donde era depois transportada até Lisboa para consumo da Casa Real.

Pela sua formação moral, dotes de inteligência e a quase inesgotável paciência que adornava o seu carácter, aliados ao desejo de bem fazer que sempre presidiu a todos os

actos da sua vida, muitas outras missões lhe foram confiadas chegando, em certa altura, a exercer o magistério primário, preenchendo temporariamente na escola primária da sua terra a vaga ocorrida no lugar de professor respectivo.

A bondade e extrema modéstia de que era possuído, faziam com que estivesse sempre pronto a atender, sem mostras de aborrecimento, quantos a ele se dirigiam, quer no exercício de qualquer dos cargos em que esteve investido, quer noutras circunstâncias em que a sua experiência era chamada a contribuir para a resolução de qualquer problema local.

Era, enfim, o protótipo do Bairrista Coentralense.

Quando por vezes parece esquecer-se o dever que incumbe a cada cidadão de pugnar intransigentemente na defesa dos interesses da terra que lhe serviu de berço, e de se sacrificar ao extremo pelo prestígio dessa mesma terra, quando mais não seja para honrar a memória de seus maiores, mas, pelo contrário, se atende apenas, a conveniências e interesses particulares, o exemplo deixado por alguém que acaba serena e dignamente os seus dias, comove até às lágrimas quantos conservam ainda bem ateadada no seu coração a sagrada chama do Paírrismo — esse sentimento de amor puro e desinteressado por tudo quanto respeita à terra em que nasceram.

Que Deus tenha em sua santa guarda aquele que, em vida, foi sempre um homem de bem e que os seus conterrâneos prestem homenagem à sua memória, recordando-o na passagem de 25 anos sobre a data da sua morte.

SERVINOVA

REPRESENTAÇÕES E GESTÃO IMOBILIÁRIA, LDA

- Venda e Registo de Propriedades
- Expediente junto das Conservatórias
- Apoio aos Emigrantes (Poupança-Crédito)

Largo Carlos Selvagem, Lote 1323 — Loja A
1500 LISBOA — Telefones — 785269

AGÊNCIA FUNERÁRIA CHITAS

de Aurora da Silva Tomás CHITAS

Telef. 44467
SARZEDAS DO VASCO
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forgunete a gasolina ou a gasoil?

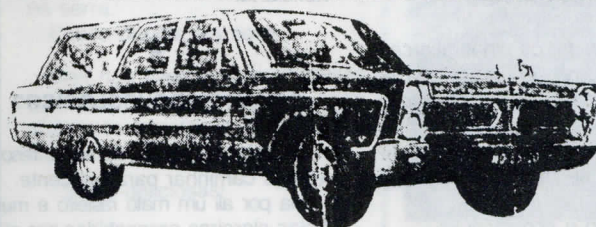
CONSULTE

AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.
DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A
Telefones 40185 e 538034
1100 LISBOA

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

LEIA ASSINE E DIVULGUE



FUNERAIS E ARTIGOS RELIGIOSOS

EXCLUSIVO DESTA AGÊNCIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA PÁSCOA

DE Rui Páscoa de Oliveira

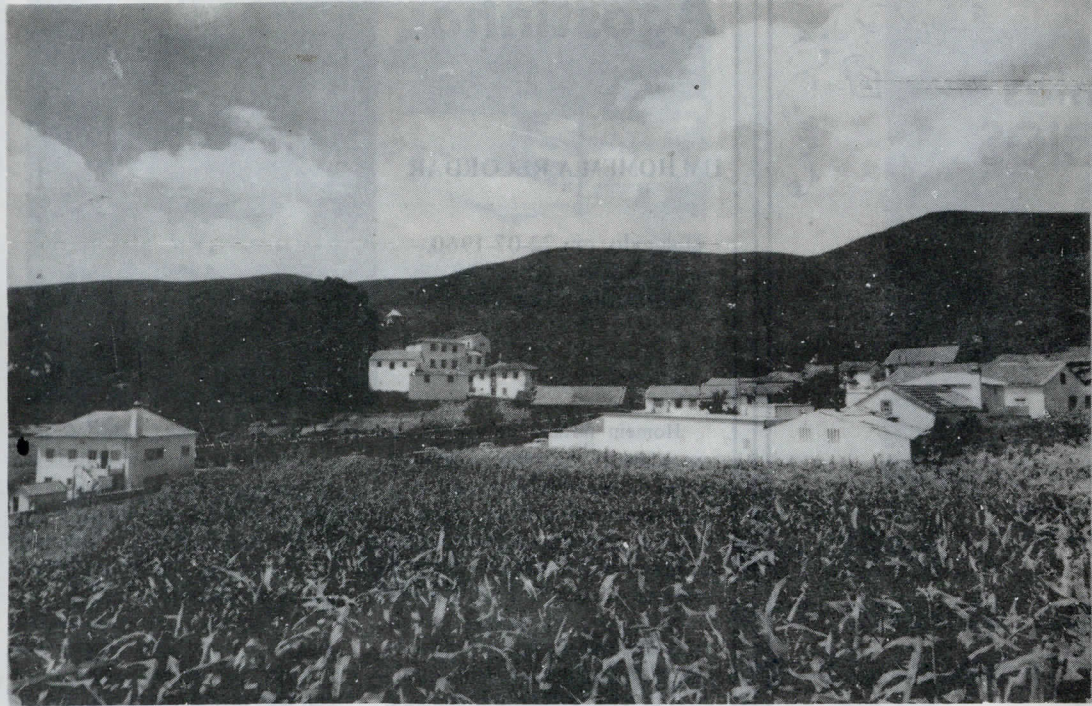
SAPATEIRA — Tel. (036) 44354 — 3280 Cast. de Pêra

AVENTURA NA SERRA

memórias e confidências de Miguel Trevim

Retrospectiva para

jornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA



Corria o Verão de 1962...

A frescura daquele dia estimulava o nosso desejo de subir a vertente que separa o Coentral dos outros lugarejos que compõem a freguesia - Carriçal e Camelo.

As névens ocultavam o Sol, mas a tarde apresentava-se-nos clara e quase alegre.

Eram aproximadamente três horas quando o pequeno grupo iniciou a ascensão, aproveitando o velho «carreiro» escalvado que parte do sítio onde uma ponte encaracterística, de cimento armado, substituiu uma outra, muito antiga, rústica e carcomida por dezenas de anos, feita - bem me lembro! - de grossas pranchas de «castanho».

Animosos, bem disposto, o nosso grupo é constituído por mim e por dois primos meus, mais jovens - o José Manuel e a Maria Cecília.

Bulíçosos, fazendo remoção os meus trinta e tal ... estes companheiros bem reflectem na energia dos seus passos que ainda estão a abeirar-se dos vinte anos de idade.

Vistos à distância, parecemos certamente três rapazes voluntariosos pois a Maria Cecília vestiu calças de campanha e exhibe «genica» de desportista.

- Que diriam lá na aldeia ao vê-la passar assim vestida?

- Credo! ... A gente sempre vê cada coisa! ... Uma mulher vestida à homem! ...

Tempo virá em que estas «modas», aliás tão práticas, deixarão de causar críticas. Mas, neste ano de 1962, uma mulher que veste calças «à homem» ainda provoca estranheza e suscita diatribes.

Vamos caminhando.

Lá de baixo parecer-nos-á menos agreste o itinerário traçado.

As pedras magoam-nos os pés e há sulcos profundos em todo o «carreiro».

Resolvemos encurtar a distância fugindo ao largo «cotovelo» que a «estrada» - no Coentral chamam-lhe assim - apresenta a meio da encosta.

Até vamos pelo mato que não nos deixa ver bem onde pomos os pés - e é esse o nosso receio ...

- Podemos pisar algum bicho!

- Fizemos mal em não trazer botas ...

- Assim tenho receio de alguma mordedura nos artelhos ...

Estavam feitos os primeiros queixumes!

Depois, tivemos certa dificuldade no retorno à «estrada», mas cumprimos o designio de abandonarmos o corta-mato, pois a vegetação selvagem tinha, ali, para cima de meio metro de altura.

Em breve pudemos contemplar de perto o negro-acizentado das fragas altaneiras que parecem gigantescos «dentes» irrompendo pela serra tamanha.

A brisa vem refrescar-nos.

Lá em baixo, a aldeia afigura-se-nos uma «maqueta» de brinquedo.

Os olhos extasiados, um sorriso de satisfação quase infantil, procuramos divisar a nossa casa ... E acenamos aos familiares ... A Maria Cecília grita como um «Tarzan»...

Ouvimos um eco ... Outro depois ... E, por entre largos gestos nervosos, em frenético adeus dirigido aos vultos pequeninos que, lá em baixo, agitam lenços para que nós melhor os vejamos, fico surpreendido ao perceber nitidamente uma voz muito querida que o vento traz até mim:

- Paizinho...Pai...zi...nho...

Comentamos a espantosa nitidez da percepção dos sons vindos da aldeia e, repetidos os acenos e as vozes, dispomo-nos a atingir os escassos metros que nos separam do cume serrano.

Entretanto, chega até nós, com incrível clareza e intensidade, a chideira produzida pelo rodado de um carro de bois.

Olhamos de novo lá para baixo e podemos observar, na curva da estrada, junto ao sítio do Carril, o pachorronto andamento de uma carroça carregada de mato.

Prosseguimos a caminhada.

Atingido um pequeno planalto, a aldeia sai do nosso ângulo de visão. Avistamos de seguida um pequeno marco geodésico, no cimo de um morro que suavemente se destaca no escasso planalto. E aproveitamos o «motivo» para fazermos umas fotografias, dando connosco a exhibir um certo «ar» de «exploradores das alturas».

Estamos no alto da «Safra».

NA SAFRA

Sem pressas, os olhos abarcando as proeminências mais distantes, que se esbatem na linha do horizonte, apreciamos a sucessão de montes e vales que em «acolchoado» caprichoso se estendem a perder de vista.

É soberbo o espectáculo! Vamos agora para o lado oposto da montanha. Lá está em baixo a

povoação denominada Camelo e, a curta distância desta, vê-se também o Carriçal.

Panorâmica rica, dela faz parte a visão de mil vertentes ... Aqui, revestida da verdura de pinheiros e carvalhas. Ali, portentosa, magnífica, agreste, formidável na negritude do mato e dos fragedos.

Perante tais contrastes, a nossa sensibilidade confere preferência aos tons mais escuros das lombas selvagens.

Serra brava ...és, afinal, a mais aliciante das visões!

Não se nos cansam os olhos de atentar nos detalhes da paisagem...

Ali, é Mega ...Lá, mais para Sul, avista-se - linda como nunca - a Vila de Castanheira de Pêra...

E, súbito, é para uma enorme mancha de água, como que para um amplo lago muito azul, que converge toda a nossa atenção.

- É o Cabril!

Distantes, as águas da barragem refulgem na imensidão dos montes.

- Havemos de lá ir a pé - diz entusiasmada a Maria Cecília.

- Noutro dia - respondo.

Mas, ao compenetrar-me melhor da lonjura, rectifico: - Noutros dias.

UMA POUSADA?

Em volta, tudo convida a uma contemplação enlevada. Sente-se ali uma paz sedutora. há a tentação de orientar os nossos passos para as colinas fronteiras, buscando os pontos que, numa atracção crescente, nos incitam à caminhada.

- Ah, se houvesse ali uma Pousada, onde o turista empreendedor pudesse fixar-se por uns dias e aceitar o permanente convite para se lançar à descoberta da serra.

O «Cabeço da Safra» é bem o ponto ideal.

E seria fácil o acesso se uma simples estrada florestal o ligasse à sede da freguesia do Coentral.

E, com isso, todo o concelho beneficiaria.

ACHADO ARQUEOLÓGICO?

Sempre na lomba da serra, resolvemos caminhar para Nascente.

Há por ali um mato rasteiro e múltiplas clareiras preenchidas por minúsculas pedrinhas coloridas.

Lebrados dos assustadiços pen-

samentos de há pouco, sempre temerosos de mordeduras dos bichos que não viamos, foi nessas clareiras que procurámos pôr os pés, para «jogar à defesa».

Então, uma pequena parede de pedra solta, chamou a nossa atenção.

É que tudo ali parece virgem de contactos humanos e aquela sobreposição de pedregulhos era, sem dúvida, intencional.

- Quem sabe se está aqui enterrado um pote com moedas de ouro - insinua, rindo, o José Manuel.

Logo afastamos o mato circundante e tiramos, uma a uma, as pequenas pedras. Depois, utilizando um seixo bicudo, autêntico «coup-de-poing», começamos a escavar.

Um de nós, pretensamente versado em Arqueologia, relembra que vira escavar túmulos romanos na praia de Tróia, frente a Setúbal:

- Olhem que a configuração das pedras é quase a mesma que aqui encontramos...

E, em ar de brincadeira, revezamo-nos na escavação, sem que ninguém acredite na possibilidade de se fazer aparecer aí qualquer descoberta arqueológica.

Já descrentes do «achado», começamos a maçar-nos...

- Mas o chão parece ôco quando lhe batemos, não é?

- Que pena não termos trazido uma enxada para a pesquisa.

Por fim, resolvemos assinalar o lugar das nossas prospecções na esperança de lá voltarmos um dia, com ferramenta de trabalho.

- Talvez no próximo ano o localizemos...

Olhamos em volta as referências do lugar para uma presumível orientação futura - sem darmos conta de que, afinal, aquele amontoado de pedras apenas fôra posto ali para nele pousarem os molhos de mato - e recomecemos a caminhada, sempre para o lado Nascente.

O tempo, fresco e enevoado, continua propício.

Aí vamos, alegres, gracejando, olhando, de quando em quando, um céu que ora parece carregado, plúm-

beo, ora deixa ver um azul contrastante com o branco dos esfumados «novelos» que quase vão roçagando as escarpas da serra.

Um novo cerro cresce do planalto já explorado.

Pés ao caminho!

As bagas do suor caem-nos pelo rosto... Bem sentimos as roupas coladas ao corpo... E chovem os comentários...

- O que vale é que não há sol forte...

- O pior é se vem chuva...

- Por aqui, podemos contornar o Coentral e ir até ao Santo António da Neve...

- Nem pensar nisso!... Não vêem o tempo? ... Poderemos apanhar uma «molha» e então viria a pneumonia transformar esta aventura em desventura...

E lá vamos escalando a nova vertente, por entre o fragedo que rasga a serra...

Pelo chão, espalham-se pequeninas pedras de um colar vistoso.

- Olhem que lindas!... Tão maneirinhas... E de cores variadas...

- Isto faz lembrar os mosaicos romanos... Só falta o desenho intencional...

Atingimos agora a linha cimeira da montanha. Prolonga-se, amena, quase na horizontal.

Lá para baixo, para o lado norte, avistamos a ribeira coleante ... A vertente que lá conduz oferece aos nossos olhos ávidos a contemplação dos penhascos laminados, de negritude dourada.

Vamos descer às «Quehas»... Pelo menos, vamos vê-las mais de perto...

NAS QUELHAS

Descemos em diagonal, ainda no propósito de nos afastarmos mais do ponto de partida.

O mato começa a ter maior altura e, quando o declive se torna mais acentuado, é a vegetação sil-

vestre que nos agarramos vigi-samente.

Mas a fragilidade de tal apoio pode impedir os primeiros «es-regões».

Nada nos demove... Nem um açceiro que entretanto nos surprede.

- Isto agora é mais difícil - conta o José Manuel - Mas apesar tudo não se compreende porque zem no Coentral que são muito rigosos estes caminhos...

- Bem vês - respondo-lhe - Tu é relativo... Nós trazemos as m-livres...o que é diferente de ca-gar um molho de mato ou uma c-ta de torgas...

Mais prudente, a Maria Cecília condiciona o optimismo geral com u-frase de cautela:

- Se isto fôr sempre assim...

A meio da vertente, deparamo-nos um rochedo impressionante. T-o aspecto inusitado de uma aut-tica estrada de pedra negra, qu-luzidia.

A fraga é uma comprida faixa - desce para a ribeira, formando c-ela um ângulo recto. É um paral-pipedo gigantesco com destaca-simo predomínio das suas linhas - ticais deitado em marcado decl-sobre a lomba da serra.

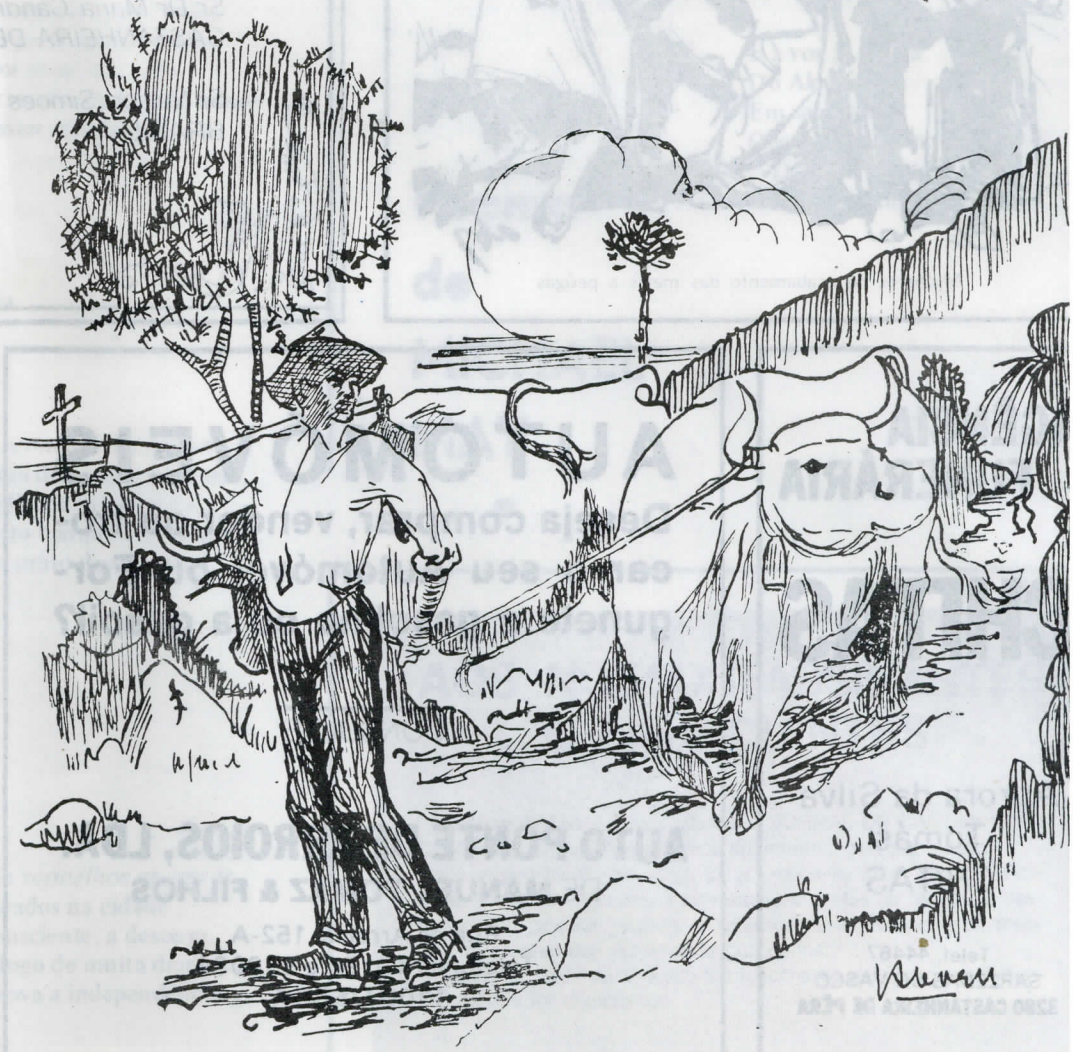
Parece terminar em abismo l-çado sobre a ribeira.

A persistência da chuva retra-entretanto o intento de complet-mos a diagonal que havíamos - çado para o nosso caminho e co-çamos a pensar em descer por aq-le estranho monolito, para mais - pressa atingirmos a ribeira.

- Alto! - reclama o bom sens- Talvez por aí seja demasiado r-da a descida...

Ladeamos o rochedo, escorreg-do, mesmo assim, nos pedregul-e lajes que, como fragmentos, a-recem no meio dos arbustos q-bradiços... Lá vamos descendo... e c-do.

O José Manuel inveja os m-sapatos de sola, por menos esc-regadios. Mas tudo se arranja- calça um sapato dos meus... eu



ço um dos «ténis» que ele trazia...E ficamos em igualdade.

Quando atingimos a ribeira, desce sobre nós um nevoeiro cerrado. Pensamos no regresso.

Não estava «perdido» o Norte. Bem sabíamos para que lado ficava o Coentral, muito embora nos sentíssemos isolados no labirinto asfáltico dos contrafortes da serra.

Durante a descida para a ribeira, tínhamos contemplado a grande encosta fronteiriça e percebido que nos bastaria contorná-la para regressar ao ponto de partida.

Entre os dois declives dominantes no quadro que nos cercava levantava-se ainda um «respeitável» outeiro que findava na junção de duas pequenas ribeiras.

- Para quê atravessar este monte? ...Bastará passar no ponto de união dos dois cursos de água...Ficaremos logo junto à serra maior - eis o que pensamos.

Mas é impossível materializar o projecto pois a ribeira onde estamos termina em pequeno despenhadeiro.

Voltamos atrás...Não há remédio senão subir e descer o morro que nos separa da encosta pretendida.

Redobrando o esforço, deixamos a primeira ribeira para alcançarmos a segunda e ficamos aos pés de grande encosta. Há fetos amarelados e tojo ameaçador cobrindo por completo o chão, o que nos faz recuar uma queda em terreno alagadiço.

O nevoeiro adensa a caminhada pela lomba da serra grande, depois de vencidas as dificuldades das asperezas do estreito vale.

O mau é agora muito mais espesso e alto, quase nos ocultando uns dos outros. E o fraguado resvaladiço embarça-nos os passos.

Núvens carregadas apressam o anúncio do crepúsculo.

Com esforços denodados procuramos um carroiro que o José Manuel dizia saber existir a meio da encosta...Mas...como chegar lá?

O avanço é penoso, arrelhiadoramente lento. Mas lá vamos procurando abrir caminho por entre o mato altaneiro...Andamos em «zigzag»...chuva, nevoeiro, um crepúsculo avassalador.

- Não pode ser!...Vamos mal por aqui...É melhor descer pela ribeira... Que esta parece ser mais suave...e, de qualquer forma, sabemos que vai ter ao Coentral...

Com efeito, avançamos depois umas escassas centenas de metros pela margem da ribeira e encontramos uma fraga curiosa que lembra um «dolmen» magnífico...E, logo a seguir, surge-nos uma pequena cascata, intransponível.

Ficamos alarmados. A tarde vai alta e escura. Da aldeia nenhum sinal se vislumbra através do tortuoso das vertentes.

CRESCE O SUSTO

O alarme transforma-se gradualmente em susto perante a ameaça do crepúsculo.

- Creio que o melhor é voltarmos por onde viemos, pois a noite não tarda aí...Vamos subir de novo a encosta do lado do Camelo.

Há que caminhar depressa...quase tentar uma corrida em plena ladeira, por entre o matagal agreste...

A Maria Cecília quase rasteja...Eu vou à frente a explorar o caminho e, quando a vejo fraquejar, sinto que devo dar-lhe a mão mas, exausto, só lhe grito, sem deixar de avançar, em apelo veemente:

- Faz das fraquezas força! Quase é já o instinto de salve-se quem puder.

Penso subir até meio da vertente, de novo em diagonal, para depois descer ao divisar a aldeia. Procuro desesperadamente chegar à vista do povoado e ver então o trajecto a seguir.

Puxando a Maria Cecília, o José Manuel vem um pouco mais para trás, quando me aproximo de uma azinheira...para logo recuar assustado...À minha frente abria-se a bocarra medonha de um enorme precipício.

Bem viamos agora o perigo das «Quelhas».

Procuro orientar-me...e serenar.

Frente ao despenhadeiro de tão largo diâmetro e assustadora fundura, a ameaça do anoitecer começa a tornar-se dramática.

- Só há uma solução - opino para os meus companheiros desalentados - Vamos subir a direito até ao cimo da serra...Mas depressa...que anoitece.

Sentimos que não devemos ter tempo e que será perigoso avançar nas trevas.

Eis-nos procurando referências pelas fragas que, aqui e além, rompem do matagal.

Em tenaz corta-mato avançamos agora com esforço inaudito.

O nevoeiro, a chuva, o cair da noite são uma crescente ameaça que pesa sobre nós.

Insistimos com denodo mas, cansados, temos de parar sobre umas fragas que quase oferecem abrigo da chuva.

Procuro ser realista:

- É impossível percorrer todo o caminho que falta...E não se pode avançar quando for noite, pois aqui não se pode andar às cegas...Caimos por aí em qualquer «barranco»...

Pensamos então em arranjar abrigo nas fragas e em cortar mato para uma fogueira...Por sorte há um pequeno canivete e eu trago um isqueiro - que no entanto não me deixara fumar durante toda a tarde, por não ter chama que resistisse ao vento.

- Se ficamos aqui, temos de aproveitar enquanto é dia, para preparar as coisas.

- Mas o mato está molhado...Não



Nas Quelhas, descemos à ribeira...

arde...E se ardesse havia o perigo de pegar fogo à serra.

Tudo parece voltar-se contra nós. Até a lembrança do perigo de um «ucha»...Seria terrível um incêndio provocado por nós.

- Se ficarmos aqui, morreremos de frio - digo sem dar o verdadeiro significado às palavras.

E logo a Maria Cecília, visivelmente desmoralizada, me critica:

- Sê mais optimista. O José Manuel lembra vivaz:

- E a família?...Sempre vai apanhar um susto se ficarmos aqui... Virá com o povo à nossa procura, com lanternas.

- Como, se nem sabem onde estamos?

Há desalento e hesitação...

- O que seria o jantar lá em casa? No meio dos nossos receios tivemos de sorrir perante a pergunta.

Pouco depois, vem uma decisão colectiva:

- Vamos pelo menos até ao alto da serra pois daí veremos o aproximar das lanternas...Vamos...Que daqui a bocado é noite...

VIRAGEM DE ESPERANÇA

Ah, se houvesse uma pousada

em plena serra...Convite às caminhadas...Abrigo seguro...Um telefone...Mas não há...Continuamos esforçados na subida...

Vamos já perto das cristas da montanha quando o nevoeiro se abre e nos deixa ver, ainda distantes, as três ou quatro casas desse recanto do Coentral chamado Porto Penasce a esperança. Animados, deixamos de subir...Seguimos agora paralelamente à linha do cimo da serra...Em breve avistamos a curva distante da «Volta do Barreirinho». Renasce a confiança...

E o José Manuel retoma a boa disposição gritando para nós: - Já não morro sem ver o cemitério!

Paramos os três, para atinarmos no rumo a seguir agora que o nevoeiro abriu uma clareira que poderia desaparecer em breve.

- Iremos descer em diagonal até à «estrada» do Camelo...Se a alcançarmos...Já podemos caminhar de noite.

A descida é feita em frenesi, queda aqui, queda acolá.

Reparo que a Maria Cecília traz os arnelhos avermelhados...

- É sangue...o mato levou-me a pele...Com a chuva as meias enfiaram-se-me nos sapatos.

- Ata lenços - aconselho. A resposta animosa faz recrudescer a «corrida».

- Não se pode perder tempo. De facto a noite vem chegando impenitente.

Vamos ficando «empitados» no número de trambulhões.

- E eramos nós que não queríamos pisar o mato por causa dos «bichos»!

É já lusco-fusco. E é quase com raiva que nos atiramos sobre o mato para avançar...

E quando finalmente atingimos o «cotovelo» da estrada abraçamos-nos com entusiasmo indescriptível. Estava assegurado o regresso...Viver-se uma inesquecível aventura na serra.

Pouco depois era noite.

Mas não tivemos grande pressa quando, já no «Porto Cineiro», não resistimos à tentação de colher uns cachos de uvas morangueiras.

Eram deliciosas!

Que nos perdoe o «Zé Sacristão», pelo nosso assalto guloso às suas videiras.

CAMPO DE JOGOS NO COENTRAL

As últimas informações que obivemos indicam-nos que vão ser convidados para fazerem parte:

Da Comissão de Honra:

O sr. Doutor João Diogo Saraiva Nunes Barata.

Da Comissão Executiva:

O Sr. José Alves Barata (antigo presidente da Junta)



Foi um sucesso a exibição do Pancho Folclórico Neveiros do Coentral no I Festival de Folclore da Região Zêzere-Região Centro na Feira Popular de Lisboa em de Fevereiro de 1985.

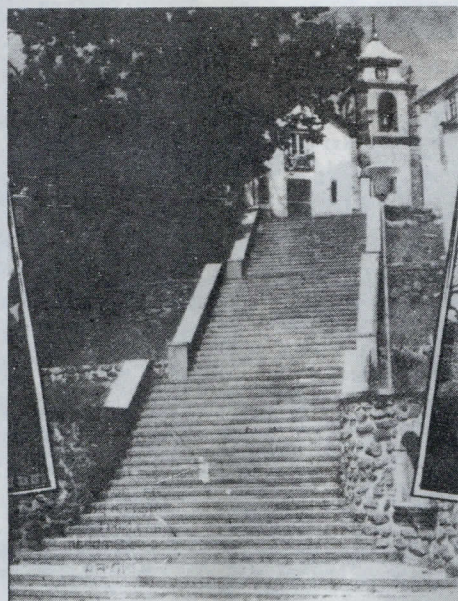
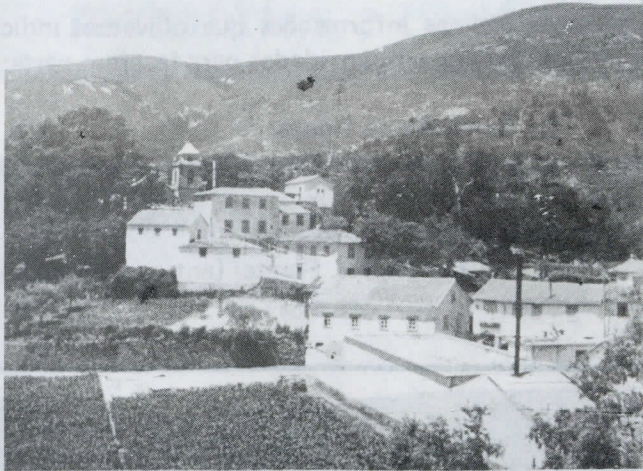
Face ao brilhantismo desta actuação e também pela feliz interpretação dos valores etnográficos das Beiras, o Pancho Folclórico Neveiros do Coentral foi seleccionado para actuar em Sernache do Bom Jardim no Festival Folclórico que se realiza no próximo domingo de Páscoa.



Poços e Capela de S.to António das Neves

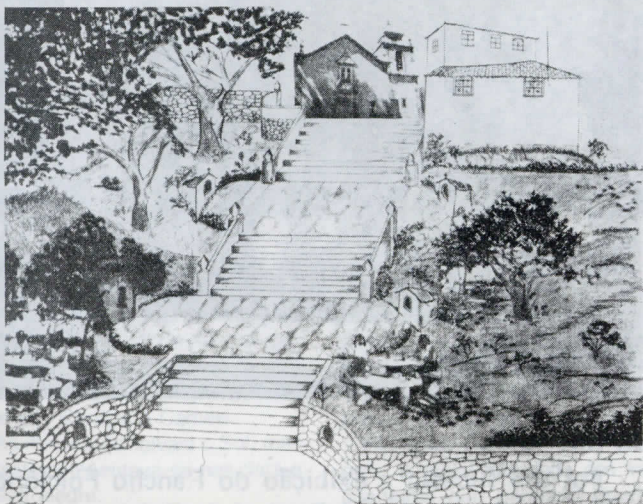
da realidade antiga...

**e do sonho
à realidade nova...**



Igreja do Coentral

ao sonho...



Uma perspectiva da Escadaria

**Em 1965
era apenas um desenho
de Herlânder Machado
Em 1968
o grande regionalista
José Alves Barata
concretizou o projecto
com o apoio dos coentralenses**

**CARTA
de
CAMPINAS**



Nesta fase difícil do Jomal de Castanheira de Pêra, cumpramos saudar muito amistosamente o nosso correspondente no BRASIL, Sr. EDUARDO COELHO.

A sua *Carta de Campinas* tem merecido o maior interesse e pena é que a distância e as dificuldades de comunicação nos tenham impedido uma conjugação de esforços para dar ao Jomal de Castanheira de Pêra e

necessário suporte financeiro e, acima de tudo, a afirmação do seu nível literário e regionalista que, ainda assim, tem conseguido impôr-se aos detractores e aos medíocres que põem os seus orgulhos pessoais acima do próprio prestígio da sua terra.

Obrigado, EDUARDO COELHO!

Aqui fica AQUELE ABRAÇO.

H.A.M.

FRANKLIN COSTA



**SÓCIO
HONORÁRIO
DA
UNIÃO
RECREATIVA
SAPATEIRENSE**

Tivemos a satisfação de saber que o nosso Amigo Sr. Franklin Costa, natural do Casalinho, foi homenageado pela UNIÃO RECREATIVA SAPATEIRENSE, deste Concelho, com a atribuição do título de SÓCIO HONORÁRIO daquela colectividade.

Felicitemos este nosso conterrâneo e grande Regionalista — cuja acção na CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS bem conhecemos desde há longos anos.

ERAM VERMELHOS OS CRAVOS...

*Eram vermelhos os cravos,
Eram rubros — cor do sangue
Das milícias africanas
Entregues ao inimigo
— Para serem fusiladas!*

*Eram vermelhos os cravos,
Como parte da bandeira
que foi pisada no solo,
Onde séculos de sangue nosso
Foi assim atraído!*

*Eram vermelhos os cravos,
Da cor do nosso inimigo
Já tido por aliado
— Lá ficam pedaços d'História
E a Cruz de tantos Mortos!*

*Eram vermelhos os cravos,
Anúncio dos novos senhores,
Fica a Pátria moribunda...
No lauto banquete d'exéquias,
Há um prato de vingança!*

*Eram vermelhos os cravos
Depostos nas espingardas
E as armas floridas
Não preservam solo pátrio
Das hordas dos invasores!*

*Eram vermelhos os cravos
Passeados na cidade...
Inconsciente, a desonra,
No fogo de muita demência,
Fumava a independência.*

*Eram vermelhos os cravos
Em essa de câmara ardente,
Onde, a medo, há velatório
Ao corpo da lusa gente
— Nem se sabe o que pensar!...*

E a voz já ressoa
Do Além...
Em sarcasmo
Que não convém:
— Ditosa é a Pátria
Que tais filhos tem!

**Poema
de
MICHAEL
MAY**

**AOS NOSSOS ASSINANTES
E ANUNCIANTES**

Conforme dizemos no Editorial, o JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA vai suspender temporariamente a sua publicação.

Os responsáveis pelo nosso jornal propõem-se fazer imediato «Ponto da Situação» e, para se ultimarem as contas de receitas e despesas, irão procurar proceder à cobrança de assinaturas e de anúncios referentes aos números já publicados.

Desde já aqui fica o nosso agradecimento pelo bom acolhimento que nos for dispensado.



FESTA NA ALDEIA
(Desenho de João Abreu)

**O HOMEM SONHA
E A OBRA NASCE!**

gornal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

VAE VICTIS!

Estas palavras históricas reflectem a situação deplorável dos vencidos ante a arrogância e excessivo orgulho dos vencedores VAE E VICTIS - diziam os romanos e estas palavras correspondem à expressão portuguesa AI DOS VENCIDOS.

AI DOS VENCIDOS!

Por Trevo Luso

Ha uma tendencia deploravel para, no nosso tempo, exaltar epocas e figuras de modo a robustecer posicoes ideologicas actuais. Ha tambem o deliberado proposito de obscurecer feitos e actos do passado quando, de algum modo, se pressente nos dados da Historia significacoes nao harmonizaveis com algumas das doutrinas hoje professadas. E, em desiderato mais ou menos camuflado, apregoa-se, tanto quanto se pode, uma premente necessidade de desmilitar (e assim que aqui e alem se ouve afirmar) a Historia de Portugal.

E se ha posicoes defensivas sob o ponto de vista dos politicos, o mesmo se nao podera dizer em funcao de um salutar criterio de historiador probo, competente, imparcial. Condição «sine qua non» para se fazer Historia, a imparcialidade tera de acompanhar o verdadeiro historiador.

Fazer do Infante Dom Henrique

um chefe de exploradores ou da exaltacao patriótica contida nos LUSIADAS uma morbida accao de fascistas, sendo inegavelmente injusto, e igualmente caricato.

Exaltar ou denegrir - aqueles que por obras valorosas se vao da Lei da Morte libertando -, consoante as conveniencias dos multifacetados ideais politicos de cada epoca, sera o que quiserem mas nao e, certamente, uma compreensao historica verdadeira.

Cada epoca, cada povo, cada um dos grandes homens do passado, como cada efemeride e, ainda, como todos os ideais que, em funcao do progresso, marcaram a Historia terao de ser analisados a luz da sua epoca, isto e, segundo a mentalidade dos homens de entao, pois e, inegavelmente, um erro, digamos mesmo, um erro crasso interpretar o passado segundo o pensamento dominante nos nossos dias.

Julgar os dezasseis anos da Pri-

meira Republica, com os seus nove Presidentes da Republica e os seus quarenta e quatro governos, esquecendo os meritos dos grandes vultos do ideario republicano e a generosidade e pureza de grande parte do povo portugues, crente nos valores mais altos da Revolucao de Cinco de Outubro de 1910, nao foi, ao que parece, feito com total isencao pelos homens do chamado Estado Novo, os quais terao cometido anacronismo ao interpretarem esse periodo segundo os seus proprios conceitos e padroes de valor. Mas, em abono da verdade, teremos de reconhecer que, em certa medida, o mesmo tera acontecido aos republicanos vencedores, face a interpretacao dos meritos e dos demeritos dos ultimos anos da Monarquia.

A marcha do tempo, os decantados Ventos da Historia, a caminhada da Humanidade e irreversivel, mas nem por isso a infancia e a adolescencia deixaram de ser ne-

cessarias para que se chegasse a maturidade. O que ficou para tras correspondeu a uma necessidade do processo historico. E so de animo leve, se podera pensar que tudo quanto esta errado hoje ja o estaria ontem.

A Historia nao se apaga, nao e mudando o nome as coisas ou destruindo este ou aquele monumento que se caminha para o desejavel Progresso.

Exaltar ou denegrir determinados periodos, por forma a tirar ilacoes mais ou menos falaciosas para o presente sera erro, ou meia verdade, mas o que nao e, de certeza, e uma verdade inteira.

Tem sido cometido esse erro. E ja tempo de nos preocuparmos com o entendimento da verdade inteira, independentemente dos interesses de cada epoca, ou das facoes ideologicas que exercam maior dominio temporal.

OS NEVEIROS DO COENTRAL participa no 1.º Festival de Folclore de Bacia do Zêzere Região Centro na BRILHANTE COLÂNDIA na Feira Popular de Lisboa em 17 de Fevereiro de 1985

Eis o programa:

1ª parte

14H30 - Concentração dos Ranchos Folclóricos no Saldanha;
15H00 - Desfile dos agrupamentos pela Av. da Republica até Feira Popular de Lisboa, bem como de carros alegóricos e artesãos a trabalhar ao vivo

2ª parte

16H00 - Actuação dos seguintes Ranchos Folclóricos na Feira Popular de Lisboa:

RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE PEDRÓGÃO GRANDE
RANCHO FOLCLÓRICO NEVEIROS DO COENTRAL - CASTANHEIRA DE PÊRA
RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE CERNACHE DO BOM JARDIM
RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DA PAMPILHOSA DA SERRA
RANCHO FOLCLÓRICO DA RIBEIRA DE SELEVISIA - ARGANIL
RANCHO FOLCLÓRICO SERRA DE CEIRA - COLMEAL - GOIS
RANCHO FOLCLÓRICO DE OLEIROS

19H00 as 22:00 - Actuação de artistas consagrados da Radio e da Televisão.

Carlos Alberto Moniz
Susy Paula
Broa de Maria
To Maria Maria
Rute

Apresentadores:

Polcarpo de Freitas
Duarte de Freitas

Diversos Numeros de Circo

Palhaços - Ilusionistas
Animais Amestrados

No final da actuação serao impostas as fitas nos Estandartes dos agrupamentos, alusivos ao festival e entrega de recordacoes.

COLABORACAO:

DA REGIAO DE TURISMO DO CENTRO
DA CAMARA MUNICIPAL DE PEDRÓGÃO



DUAS ÉPOCAS DOIS ESTILOS

Chocado ficou o Povo do Coentral quando, em 1984, sem motivos convincentes, ali se acabou com a tradicional Visita Pascal, que veio a ser substituída por uma confraternização na casa dos bailes, isto é, no CIRUC...

Surpresa ficou a gente do Coentral quando recentemente se deixou de utilizar a secular Pia Baptismal passando-se a utilizar, nos baptizados alguidares de plástico...

Sensibilizada ficou a familia coentralense quando não pôde ouvir o Toque de Finados, durante um funeral realizado há poucos dias...

Confusa ficou a comunidade católica da paróquia do Coentral por se ter determinado que, a meio da Missa, se deixasse de Tocar a Santos...

Não se deseja ser escravo da Tradição. Os rituais religiosos também acompanham a evolução dos tempos. Bem se sabe até que os próprios concílios decidem mudanças e reajustamentos da Liturgia.

Pensamos, no entanto, que não é esse o caso, sendo assim...

...Muda-se só por mudar?

Já se diz que se pergunta sempre quais eram os usos e costumes para depois se fazer tudo ao contrário.

COENTRAL

HONRAR OS CONTERRÂNEOS

No Coentral há apenas dois locais a que foram dados nomes de conterrâneos que contribuíram generosamente para o desenvolvimento da terra.

O primeiro arruamento que recebeu essa justa distinção foi, há poucos anos, a Rua Comendador Manuel Pedro Carvalho. O segundo local em que ficou patente o reconhecimento do povo do Coentral é o Largo Nelson Simões Claro, que, em 1984, recebeu essa designação toponímica.

Quer a Junta de Freguesia, quer a Câmara Municipal tiveram feliz inspiração ao honrarem os nomes dos conterrâneos que se distinguiram por actos de Amor Regionalista que bem merecem as homenagens prestadas e a adesão popular verificada nestes dois casos.

Os povos que sabem guardar boa memória dos promotores voluntários do engrandecimento da sua terra ainda mais se dignificam quando sabem honrar publicamente os conterrâneos cujo nome ficou associado a melhoramentos locais.

E também os Autarcas que patrocinaram tais homenagens são dignos do nosso maior apreço.

As considerações anteriores levam-nos a defender que, no Coentral, sejam atribuídos, a outros arruamentos, os nomes de outras figuras que se distinguiram e souberam honrar, directa ou indirectamente, esta freguesia ou o próprio concelho.

Como exemplo, sugerimos aos actuais autarcas que ponderem a homenagem a prestar aos seguintes nomes:

Dom Manuel Agostinho Barreto
1835-1911
Bispo do Funchal

Julião Pereira de Castro

Século XVIII
Neveiro da Casa Real

Dr. Manuel Diniz Henriques
Precursor da Electrificação de C. Pêra e Fundador do 1º Jornal do Concelho (O RIBEIRA DE PÊRA, em 1914)

Prof. Doutor Bissaia Barreto
Descendente de Coentralenses
Viveu no Coentral e aqui frequentou a Escola Primária, no tempo do prof. Barata de Mendonça, tendo feito exame de Instrução Primária em Coimbra

Maria do Rosário Lopes Serrano
Professora Primária do Coentral

José Lopes Agostinho
(Zé Russo)
Devotado Autarca da Freguesia do Coentral durante cerca de 6 décadas

Piedade Noémia
Cedente de herança em favor da Junta de Freguesia do Coentral

Aqui fica a sugestão!

LEIA ASSINE E DIVULGUE

Journal de
CASTANHEIRA DE PÊRA

VAL FEITOSO

VENDE-SE

Casa de Habitação, com terras de cultivo, poço, oliveiras e pinhal, junto à estrada. Área com cerca de 2.000 metros quadrados. Informa esta Redacção e trata, no local, o próprio António Salvador da Conceição Luís.

FERNANDO MANATA

ADVOGADO

3260 FIGUEIRO DOS VINHOS

TEL. 42243 / 42125

A ARCA DE GUIZÉ

Livraria

Papelaria

Artigos de Decoração e Artigos para Bébé

Rua Silva Bernardes - 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

CARLOS BAPTISTA

ADVOGADO

Telef. 99653 3200 LOUSÃ

GUALTER SANTOS

ADVOGADO

Escritórios:

- FIGUEIRO DOS VINHOS (Quartas e Sábados)
- R. DR. MANUEL S. BARREIROS
- POMBAL
Urb. Sta. LUZIA 7-3.º - Dto. Telef. 23372

FERNANDO

na Av. P.e Diogo de Vasconcelos

MARTELO

Todos os dias, excepto às Sextas,

ADVOGADO

Telefone 52329

FIGUEIRO DOS VINHOS

AMÍLCAR SANDINHA

Advogado
Arganil - Lousã

Telef. Escrit. 99 172
Resid. 99 436

As Sextas-feiras em Castanheira de Pêra
Telef. 44373



uma presença em todo o país

TEMOS PARA O SERVIR, 147 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

Consulte-nos. Dar-lhe-emos todas as informações
e o apoio de que necessitar.

Balcões BNU mais próximos
do concelho de Castanheira de Pera
COIMBRA GÓIS LEIRIA SERTÁ TOMAR

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
da experiência para o futuro

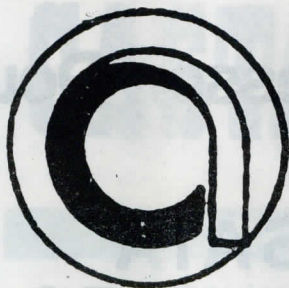
CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA



fábrica de meias e luvas

MANUEL ALVES BARATA, LDA.

TELEFONE 44402 — COENTRAL — 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA
PORTUGAL
UNIDADE INDUSTRIAL
FUNDADA
EM 1920



ana rosa
comercial e construtora ltda

RUA CARDOSO DE ALMEIDA, 788 - S/ 124 - TELEFONE 864-5038 - S. P.
Insc. Estadual N.º 110.239.888 C. G. C. N.º 51.763.597/0001-67

SÃO PAULO — BRASIL

CONFEITARIA AMERICANA LTDA.

Inscr. Est. 101.076.251

CGCMF 60.593.845/0001-60

LANCHONETE

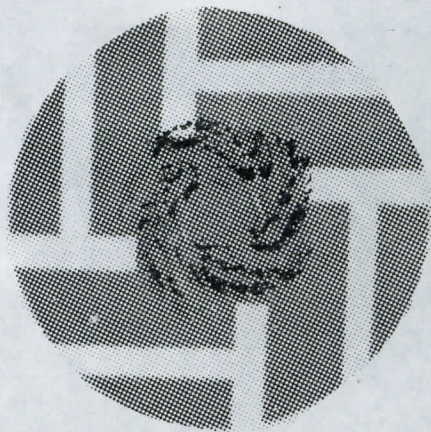


PÃO QUENTE

Doces Salgados Finos - Bebidas Nacionais e
Estrangeiras — Excelentes Qualidade

RUA CARDOSO DE ALMEIDA, 116
TELS.: 62-6800 E 62-7278

PERDIZES
SÃO PAULO — BRASIL



TAETE
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS LTDA.

INSCR, EST. 110.107.323

INSCR. C. G. C. 51.177.996/0001-46

RUA JOAQUIM MENDES N.º 170
(TRAVESSA RUA SAMARITÁ)

FONES: 265 0055 - 265-8218
CEP. 02518 - BAIRRO DO LIMÃO - SP

SÃO PAULO — BRASIL

CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA



Coimbra 1908 — Finalista na Universidade

FIGURAS DO CONCELHO

Professor Doutor

BISSAIA BARRETO

a Ciência, a Cátedra e a Cirurgia e uma OBRA SOCIAL caracterizada pelo Saber e pelo Amor ao Próximo



Realmente tudo o que fez Bissaya-Barreto é admirável. Mas eu creio que não o é menos tudo que através da sua obra e da sua vida, ele demonstrou ser, como homem de carácter.

Henrique Galvão



Uma noção que não se preocupa com o desenvolvimento das suas forças vitais está condenada a não ocupar, na hierarquia dos povos, senão um lugar medíocre e a viver na inferioridade. Vítima da sua apatia ou da sua indiferença, acabará por ser subjugada por qualquer outra nação mais viril.

Bissaya-Barreto

BISSAYA BARRETO (Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa) nasceu em Castanheira de Pera em 1886, segundo a Grande Enciclopédia. Pierre Goemaere que lhe dedica um volume de 159 páginas, dá-o nascido em 1888. Na Enciclopédia não vem a paternidade. Goemaere dá-lhes os nomes, Albino Rosa e D. Joaquina Bissaya Barreto. E acrescenta: "É interessante observar que entre os ascendentes de Fernando Bissaya Barreto se encontram numerosos médicos ou, pelo menos, indivíduos indirectamente dedicados às ciências terapêuticas. São médicos dois tios maternos, bem como vários primos, e seu pai era farmacêutico. Família de investigadores intelectuais e homens de ciência". E em nota informa: "(1). Manuel Agostinho Barreto, que foi Bispo do Funchal e um dos mais ilustres sociólogos do tempo, era tio materno de Fernando Bissaya Barreto". Temos, pois, que, por deficiência de infominação da Grande Enciclopédia, daremos primazia a Pierre Goemaere. É o que vamos fazer, em forma sucinta, clara e precisa.

Fez os seus estudos primários num colégio de Coimbra, e em Coimbra, aos 13 anos se matriculou no Liceu. O pai deu-lhe liberdade e a máxima responsabilidade dentro desta máxima de grande projecção filosófica: "Não serás um homem enquanto não te pudeses governar só — e serás tanto mais forte quanto mais cedo o tiveres aprendido". Era já de si um Homem, este pai de Bissaya Barreto! Terminado o Curso dos Liceus, matricula-se em 3 Faculdades ao mesmo tempo: medicina, filosofia e matemáticas superiores. Para quê e porquê? Ele o declarou a Pierre Goemaere: "Estudava medicina para satisfazer as tradições de minha família, filosofia para me satisfazer a mim próprio, matemáticas porque estava persuadido que era a engenharia a carreira que me esperava". Tomou parte na Greve académica de 1907. Estava no poder, João Franco. Os estudantes em greve eram mil e trezentos. Veio a pressão e a ameaça governamental. Ficaram cem. À cabeça destes, Bissaya Barreto, comandando "Os Independentes". Os outros mil e duzentos foram a exame, submeteram-se. Os cem perderam o ano. Para se ressarcir desta perda, no ano seguinte, Bissaya Barreto, matriculou-se nos dois anos, e alcançou, nas seis cadeiras, vinte valores em cada uma! Eis o colosso! E deu-se neste ano de 1908 um facto notável que marca a intemeridade e a intransigência do seu carácter. Quando da distribuição dos Prémios, na Sala dos Capelos, com o Rei D. Manuel a presidir ao acto, Bissaya Barreto não respondeu à chamada para receber os seus prémios.

Instado para que se levantasse, para que fosse, porque era o Rei que o esperava, Fernando Bissaya Barreto limita-se a responder:

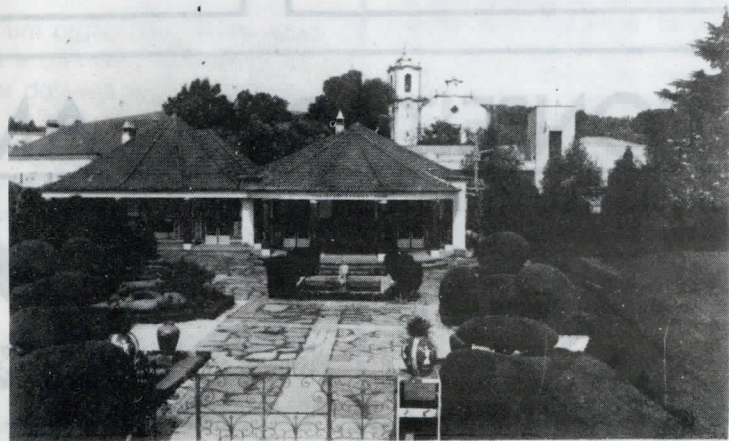
— Não conheço o Rei.
E não se levantou.

É que ele era o Presidente dos Estudantes republicanos e tinha já então aquela firmeza de carácter que ainda hoje é seu timbre. Republicano em 1908 — republicano em 1949.

Terminados os Cursos de Filosofia e Matemáticas Superiores, segue o Curso de Medicina que era de oito anos. E no fim deste Curso, obtém, como nos dois anteriores, novos vinte valores.

Em 1912, o estudante laureado de três Faculdades, entra na vida e na política. Faz-se eleger deputado às Constituintes pelo Círculo da Figueira da Foz. Ingressa no Partido Evolucionista, ao lado de António José de Almeida. Ao mesmo tempo frequenta, na Faculdade de Medicina de Lisboa (a Velha Escola Médica) as aulas do Professor Cabeça. Ao fim de três anos, desiludido da política, mas não da República, regressa a Coimbra. Presta provas para Professor agregado e obtém vinte valores. Não conhecia outra classificação! Dispensam-no da 2.ª prova. Um ano depois é Professor Catedrático, e tem 28 anos. Pois apesar das suas obrigações de Professor Catedrático, a sua vida de médico-cirurgião é esta: em 1939 — 1417 operações; em 1940 — 1480; em 1948, mais de duas mil!

João Paulo Freire
(in Férias Dum Jornalistas — Coimbra 1950)



Casa da Criança Rainha D. Leonor em Castanheira de Pera

OBRA: DA JUNTA. POR INICIATIVA DA JUNTA. OU COM A COLABORAÇÃO DA JUNTA

- I — CLAS (SANATÓRIO DE MULHERES)
- II — S. ANATÓRIO INFANTIL
- III — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (CASA DA CRIANÇA)
- IV — S. D. ILIPA DE VILHENA
- V — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- VI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- VII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- VIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- IX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- X — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XXXIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XL — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- XLIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- L — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXIV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXV — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXVI — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXVII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXVIII — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXIX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)
- LXXXX — S. TO ANTÓNIO DOS OLIVAIS (ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTES MENTAIS)



Busto do Prof. Doutor Bissaya Barreto na Casa da Criança de Castanheira de Pera



Prof. Doutor Bissaya Barreto (Lisboa - 1928)